



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na
cerimônia de comemoração dos 30 anos da sua posse como presidente
do Sindicato dos Metalúrgicos do ABC**

São Bernardo do Campo-SP, 18 de abril de 2005

Meus queridos e queridas companheiras trabalhadores e trabalhadoras
do nosso querido Brasil,

Meu querido Feijóo, presidente do Sindicato dos Metalúrgicos do ABC,

Meu querido companheiro Marinho, presidente da Central Única dos
Trabalhadores,

Eu sei que aqui está o Vicentinho, que foi presidente deste Sindicato,

Eu sei que aqui está o companheiro Jair Meneguelli, que foi presidente
deste Sindicato,

Eu sei que aqui está o companheiro Ribas, que foi presidente deste
Sindicato,

Sei que aqui está o companheiro Paulo Vidal, que foi presidente desse
Sindicato,

Eu não sei se o Frei Chico está por aí. Mas, como é um dia de
homenagens, eu acho que vou fazer menos discurso e um pouco mais de
homenagens, de verdade.

O Frei Chico, que deve estar aí no meio, é um que tem uma carecona
razoável. O Frei Chico deve estar conspirando ali, porque a vida dele foi
conspirar. Pode vir aqui na frente, Frei Chico. O Frei Chico é meu irmão mais
velho, algumas décadas mais velho do que eu.

É o seguinte: eu só passei pelo Sindicato porque o companheiro Frei



Chico tinha sido convidado para ser diretor deste Sindicato na eleição de 1969, pelo companheiro Paulo Vidal, que ia substituir o companheiro Afonso Monteiro da Cruz, que tinha Mário Ladeia como candidato a secretário-geral do Sindicato. O Paulo Vidal ia assumir e, na montagem da chapa, mandaram chamar o Frei Chico. O Frei Chico trabalhava numa metalúrgica, que já tinha um companheiro que está aqui, que eu vi também, o Ferreirinha, que está aqui no meio, que já era diretor de base do Sindicato. O Frei Chico, não podendo ser diretor do Sindicato, disse ao Paulo, ao Afonso e ao Mário Ladeia que ele não podia ser, mas que tinha um irmão, na Villares, que poderia ser diretor do Sindicato.

Eu fui, então, sondado, convencido de que era importante participar da chapa no Sindicato. Isso era, mais ou menos, no mês de março ou fevereiro de 1968. Eu me lembro que nós conversamos muito tempo e eu disse que não queria ser, no primeiro momento. Depois conversei com o Paulo, outra vez conversei com o Frei Chico e aí me convenceram de que era importante eu ser diretor do Sindicato. Na época, eu não era nem sócio do Sindicato. Eu me filiei ao Sindicato, a minha matrícula acho que é 25986, de maio de 1968. E eu concorri a um cargo de diretor do Sindicato, eu era delegado de base da Villares.

Naquele tempo, fazer sindicalismo era muito diferente de agora. Primeiro, porque o momento político era muito delicado, não era um momento político em que qualquer um de nós podia falar o desaforo que quisesse e ir embora. O momento político era muito delicado, as palavras eram medidas, os boletins eram fiscalizados e, portanto, a gente vivia sob uma pressão muito maior, uma fiscalização muito dura.

Bom, eu quero dizer para vocês, João, Marinho, para você que é muito jovem, e por ser jovem que é Presidente de Sindicato, que este Sindicato aqui tem uma história *sui generis*, porque já nasceu grande, já nasceu importante. Sem nenhum demérito a nenhum outro sindicato, este Sindicato nasceu muito



grande, não apenas pela importância daqueles que eram diretores, mas porque era uma categoria de ponta do conjunto dos trabalhadores brasileiros, afinal de contas, eram trabalhadores da indústria automobilística, em sua grande maioria, que tinham vindo para cá a partir da década de 50. E a gente teve aqui o Anacleto, depois teve o Geraldo, que dividiu o mandato com o Afonso, depois o Afonso, não deu para ele assumir o mandato. Fizeram um trato: eu fico dois anos e você fica dois anos, aí um ficou sozinho de um ano para o outro. Aí o Afonso ficou e não deu lugar para o outro. O Afonso era uma das figuras mais extraordinárias que eu conheci na política brasileira, companheiro da Scania, mensalista da Scania, que prestou um trabalho enorme a este Sindicato aqui. Depois, eu fiquei de 1969 a 1972. O Paulo Vidal era um companheiro extremamente preparado. Eu quero até fazer justiça aqui, neste ato de 30 anos. O Paulo Vidal talvez tenha sido, Feijóo e Marinho, o dirigente sindical mais criticado, porque havia uma birra da esquerda, daquela época, com o Paulo Vidal. Muitas vezes, o pessoal se incomodava até com o tamanho do cabelo do Paulo Vidal, a cor da calça. Naquele tempo havia uma certa disputa aqui no pedaço, muitas organizações de esquerda na categoria, muita gente preparada para fazer oposição no Sindicato. E o Paulo Vidal era isso. Agora, eu quero dar um testemunho aqui. Poucas vezes este Sindicato teve um presidente, como eu sou orgulhoso de dizer, que o Feijóo talvez seja hoje, intelectualmente, o mais preparado dirigente sindical que nós temos no Brasil, como eu acho que o Marinho é o maior organizador, o maior dirigente orgânico que nós temos hoje, capaz de organizar as coisas. Eu posso dizer que muitas das críticas que o Paulo Vidal recebeu na sua história sindical eram injustas, e que o Paulo Vidal foi um dirigente sindical, talvez um dos melhores quadros que nós tivemos no movimento, em uma época em que nós tínhamos, na outra ponta, o companheiro Marcelo Gatto, que foi um grande dirigente sindical do Sindicato de Santos; em uma época que, pelos dirigentes sindicais atuais, o Joaquinção era um dirigente que morreu pobre, todo mundo viu o resultado da



vida do Joaquinção, era um companheiro, do ponto de vista político, extremamente competente. E eu digo isso à vontade, porque fiz muita oposição ao Joaquinção, gritei muito contra o Joaquinção em porta de fábrica, mas a gente precisa, em algum momento, reconhecer as pessoas pela vida e pelo momento histórico em que nós vivemos. Nós temos o hábito, às vezes, de fazer um julgamento equivocado de uma pessoa porque hoje a pessoa não está concordando com a gente, ou porque ontem ela não concordou. Mas uma vida tem que ser medida pela totalidade das posições que a pessoa assumiu ao longo da vida. Hoje, você tem um companheiro com o qual você não concorda, amanhã esse companheiro pode ser seu aliado e, aquele que era seu aliado pode não estar mais com você, pode estar do outro lado. A história está cheia disso. Aqui no ABC está cheio disso. A gente teve o Anacleto, o Geraldo, o Afonso, o Paulo Vidal, depois eu, o Meneguelli, o Vicentinho, o Guiba, o Marinho. Vejam que nós somos da mesma árvore genealógica. Sabe, nunca uma oposição conseguiu ganhar as eleições neste Sindicato, a gente vem se mantendo, com nuances diferentes, desde 1959.

E construiu-se essa história por conta da categoria. A categoria é uma categoria de ponta, é uma categoria que tem os trabalhadores mais bem formados, é uma categoria que tem gente que aprendeu, com muitas greves, a se transformar em pessoas politicamente conscientes e que tomaram as posições certas.

Marinho, embora você tenha começado na Volkswagen, no tempo que a gente começou as greves, em 1978, aqui tem companheiros, Marinho, que naquela época vinham aqui, no Sindicato, ou seja, o Sindicato passou a ser uma coisa tão importante na vida das pessoas, que se um companheiro tinha que entrar às 4 da tarde na Volkswagen, ele saía de casa duas horas mais cedo para passar aqui, no Sindicato, para pegar um boletim. Não podia entrar com o boletim embaixo do braço, o companheiro colocava dentro das calças, colocava dentro da meia. E você, certamente, era um deles, o Feijóo,



certamente, era outro deles. Aqui tem muitos companheiros que faziam isso.

Às vezes, os companheiros saíam da fábrica às 6 horas da tarde, da Mercedes, da Brastemp, da Ford, da Volkswagen e de tantas empresas, e antes de ir para casa o companheiro passava aqui para pegar o boletim, para saber das informações. Então, isso aqui virou uma coisa de excepcional qualidade, que criou essa referência que o Sindicato de São Bernardo é hoje, desde que foi fundado. E ele se fortaleceu, a organização é muito maior.

De vez em quando, alguém pergunta: mas por que não faz tanta greve quanto fazia antes? Porque quando os trabalhadores estão organizados não precisa fazer greve a toda hora. Quanto mais organização você tem, menos greve você precisa fazer. Por quê? Porque quando você não tem organização, você tem que fazer greve para o patrão perceber que você está preparado. Agora, quando você está preparado, muitos empresários já ficaram espertos e não querem provar para saber aquilo que eles já sabem. Então, é melhor sentar à mesa de negociação e fazer um acordo antes.

Eu me lembro do sacrifício que muitos aqui faziam para entrar com o boletim dentro da fábrica. Eu me lembro da perseguição que era na Volkswagen. As mulheres, sobretudo quando estavam grávidas, tinham que ir ao banheiro, tinham que receber uma ficha e só podiam ir uma vez ao banheiro. Eu me lembro da quantidade de reclamações que nós recebíamos aqui, no Sindicato. E eu me lembro, também, de quanto essa categoria marcou posição em todos os momentos importantes da história recente do nosso país.

Então, ser reconhecido, depois de 30 anos, é a coisa que mais me dá orgulho. Ver que saiu daqui o primeiro prefeito eleito por nós, em 1982, o companheiro Gilson Menezes. E, mais ainda, ver que foi o companheiro que, junto com o companheiro Severino e outros companheiros da Scania, quem deflagrou a primeira greve, em maio de 1978. Ao longo da vida, a gente teve divergências, a pessoa mudou. Mas isso não tem problema, a vida não pode ser medida com a rapidez que a gente deseja. Nós precisamos ir construindo



as coisas.

Nesses dias, eu vi uma pesquisa: “Eleitor de São Paulo arrependido, porque não elegeu a Marta”. Faz apenas quatro meses que teve a eleição, mas é assim mesmo. A gente tem que ter paciência para não ficar nervoso quando essas coisas acontecem conosco, porque os mesmos que, às vezes, ficam contra a gente... Eu me lembro da greve de 1979. Foi um dos melhores acordos que nós fizemos, neste país, e eu saí da Vila Euclides sendo chamado de traidor. Nós demoramos um ano para recuperar a credibilidade junto à categoria, na porta de fábrica, e fizemos uma greve ainda maior.

Não faltaram pessoas para escrever que tinha acabado o Sindicato de São Bernardo. Por quê? Porque nós acreditamos. E neste Sindicato se adotou a prática de se ouvir muitas pessoas. Não tem sindicato, no Brasil, que tenha a organização das comissões de fábrica que tem aqui. Não tem sindicato no Brasil que tenha o processo eleitoral democrático que tem aqui. Tarantini, o Aloízio Mercadante, o Marinho, o presidente da CUT, mas se ele quiser ser presidente da CUT, ele tem que passar pelo chão de fábrica da Volkswagen, senão não se elege nem a síndico da CUT, quanto mais a diretor do Sindicato.

Então, aqui se exercita a plenitude da democracia operária que muitos falam, mas que muitos nem conhecem. Aqui se pratica, e se pratica porque há um aprendizado que vai evoluindo nas pessoas.

Lógico que a meninada que está dentro da fábrica hoje tem muito mais escolaridade que nós. No meu tempo, quando a gente tinha um diploma do Senai, fazia um curso de ferramenteiro, de torneiro, de frezador, já era o máximo da nossa vida. Hoje, não. Hoje, os nossos netos, os nossos filhos estão nas fábricas fazendo Direito, Filosofia, fazendo Sociologia, fazendo tantos e tantos cursos, as pessoas estão muito mais preparadas, muito mais educadas, por isso as coisas ficaram mais fáceis.

Uma vez, me convidaram para ir numa porta de fábrica, eu cheguei lá, estava um jornalzinho passeando na linha de montagem e cada trabalhador



pegava o seu. E eu falava: “puxa, como mudou!” No meu tempo era enfrentar a polícia e quebrar corrente para a gente entregar o jornalzinho. E ainda passava trabalhador folgado. Porque vocês sabem que, no nosso meio, tem peão folgado. A coisa que me dava mais raiva era quando você ia entregar um boletim, na porta de fábrica, e o peão passava, às vezes às cinco horas da manhã, o peão estava nervoso, porque tinha trabalhado a noite inteira, e os sindicalistas estavam nervosos porque tinham se levantado às quatro da manhã. Nós só tínhamos duas peruas no Sindicato e um diretor tinha que passar em Santo André, São Bernardo, São Caetano, recolhendo diretor para ir para a porta de fábrica. O Nelsão era o cara que ia me pegar lá, no Parque Brites, em São Paulo, para trazer para a porta de fábrica. Aí eu fui entregar um boletim, Marinho, e o peão falava assim: “vai trabalhar, vagabundo!” Ou, às vezes, ele pegava o panfleto e falava: “eu não quero papel, eu quero dinheiro”. Na época do Imposto Sindical, quando se descontava aquele famoso dia dos trabalhadores, em março, era um verdadeiro inferno ir à porta de fábrica, porque os companheiros, no banheiro, pichavam contra o Sindicato, reclamavam contra o Sindicato. E nós somos muito persistentes, porque conseguimos criar, aqui, uma consciência sindical.

As pessoas não são obrigadas a gostar do Feijóo, do Marinho, do Lula, do Vicentinho, de nenhum diretor aqui, mas as pessoas sabem que essa categoria tem bala na agulha. As pessoas sabem que aqui não precisa mais esse bonequinho, que foi símbolo do Sindicato muito tempo, com essa cara carrancuda: “hoje não estou bom!” Não. Hoje, a gente faz as mesmas coisas dizendo: eu estou bom, eu estou feliz, estou de bem com a vida, mas quero lutar um pouco, quero fazer uma grevezinha. E aí fica tudo maravilhoso, tudo bem, não tem nenhum problema.

Eu era conhecido no Brasil como: “eu não estou bom”. Hoje, eu tenho que falar que estou bem. Eu e a Marisa estamos até mais bonitos do que a gente era. Ela, certamente, eu, não sei. Como sempre fui muito simpático, não



sei.

Eu quero dizer para vocês, meus queridos companheiros, que estar aqui... eu vim preparado para chorar e aqui, durante a apresentação, eu fui me preparando para não chorar, eu não achava que era justo chorar para ouvir o que falaram da minha passagem pelo Sindicato, não era para chorar o fato de eu encontrar tantos e tantos companheiros aqui, que ao longo de muitos anos ficaram no anonimato, e ainda hoje continuam no anonimato, mas sem eles nós não teríamos construído o que nós construímos.

E fico muito mais feliz porque aqui neste Sindicato, também, a gente aprendeu a arte da negociação, a arte do possível. Obviamente que tivemos figuras importantes, como o Aloízio Mercadante, fazendo assessoria para todos nós. Vocês pensam que ele é novo! E tivemos a alegria de partilhar o mandato com um companheiro como o Jeová Milena, que logo virou presidente do Sindicato de Santo André. Então, a minha satisfação é saber que neste Sindicato, Marinho... eu sei que a Segurança criou problema, que só podiam entrar 500, que só poderiam entrar não sei quantas pessoas, não sabem que a gente fazia três dias de carnaval aqui, isso aqui entupia de gente, este prédio balançava e a gente ficava até as quatro horas da manhã. Naquele tempo, a gente não podia pagar ninguém para limpar. Ficávamos eu, os diretores e as nossas mulheres para limpar isso aqui, para varrer, para carregar caixa de cerveja todos esses andares, para encher uma caixa d'água, uma caixa de gelo com cerveja. Então, isso aqui teve muita luta. E por aqui passaram companheiros que não estão entre nós, mas da maior seriedade, companheiros metalúrgicos, companheiros que foram diretores, que tiveram uma passagem extraordinária.

Eu sempre acho que o tamanho que nós temos é composto por células muito pequenas e é a junção de todas elas que fazem o nosso tamanho, o nosso corpo. Eu acho que sem isso este Sindicato não seria nada. Eu vivi momentos de glória aqui, nesta mesma mesa, neste mesmo palco, nesta



mesma caixa de som, era menor naquele tempo, o Sindicato era mais pobre, era menor, mas eu vivi momentos de glória aqui.

O Djalma era mais novo porque não precisava ler para cantar essa música, ele cantava sem ler, significa que ele está com problema de memória. É o seguinte: o Djalma devia ter muita bronca de mim, porque ele sempre foi *crooner*, ele foi um cantor famoso. Não chegou a vender disco, mas foi. Então, a gente ia para os botecos, aí, ou aqui mesmo no Sindicato, e o coitado do Djalma não podia começar a cantar que eu falava: “Canta aquela, Djalma, canta aquela”. E “aquela” não era a que ele cantou, era uma, como é que é, Djalma, que falava: “Tu és, divina e graciosa...”

O Djalma devia ficar muito “p” da vida, porque ele abria a boca e eu falava: “Djalma, canta aquela”. E até hoje, Djalma, lá em casa, quando você se encontrar com o Fábio você vai perguntar... eu, de vez em quando, estou andando, descendo a escada e estou cantando: “Tu és...”. Mas só sei o mesmo pedacinho que eu sabia antes, não aprendi nada mais.

Então, eu convivi aqui com companheiros, passei momentos difíceis, momentos bons, aqui nós divergimos, nós concordamos. O que é gratificante para mim é que, passados todos esses anos – cada um torcendo para o time que queira torcer, cada um acreditando no partido que queira acreditar, cada um querendo ser da religião que bem entender – o que nós fizemos nesses 30 anos foi dar uma demonstração de sabedoria política, de não perder a nossa relação de amizade pelas nossas divergências político-ideológicas, pelas nossas concepções religiosas. Ou seja, nós somos amigos e eu não tenho dúvida de que, da minha parte, nós morreremos amigos, porque nós ainda vamos ver muita coisa acontecer neste país.

Para a meninada mais nova que está aqui: eu queria dizer para vocês que a primeira vez que eu vim aqui, nesta mesa, eu era tão inibido, eu tinha tanta vergonha que, às vezes, o Paulo Vidal ia abrir uma assembléia, falava no nome dos diretores que estavam aqui, citava meu nome e minha perna já



começava a tremer.

E eu me lembro que a primeira vez que eu fui falar oficialmente, a primeira vez que eu fui falar – o Paulo Vidal era um bom orador e eu nunca tinha falado –, foi quando fui ser diretor de um curso de Madureza que nós criamos aqui, no Sindicato. Eu passei o final de semana preparando umas coisinhas que eu ia dizer, muito rabisquinho aqui, companheiro e companheira, que era chavão, não é? Tinha que falar “companheiras e companheiros”, era mais bonito do que “todos e todas”; “companheiros e companheiras” era muito mais bonito, muito mais charmoso e muito mais classista.

Bem, então eu vim aqui, preparei e lá estava o Paulo Vidal: lê a ata, lê mais não sei o quê lá, e lê... e foi falando, e eu vendo ele falar tudo o que tinha escrito ali, e ele discorria as suas palavras; e eu vendo, cada vez que ele falava, sumia meu papelzinho; aí, depois que ele falou tudo, disse assim: “Agora, vai falar com vocês o nosso companheiro Lula”. Aí, ele me deu o microfone e eu não tinha mais o que falar. Aí eu falei: “O Paulo já falou tudo. Tudo bem”.

Vejam, se eu, que era assim, cheguei onde cheguei, imaginem vocês, na hora que acreditarem em vocês mesmos. Imaginem vocês, na hora em que acreditarem que não tem limite para o ser humano se ele acredita, se ele tem perseverança, se ele está disposto a não desanimar nunca para conseguir as coisas.

Uma vez eu fui numa Igreja e vi o Janjão cantando num coral. E o Janjão cantava afinado no coral. Eu falei: “Mas se o Janjão pode cantar num coral, eu posso cantar uma ópera, não é possível!” Porque o Janjão nem falar, falava. E estava num coral. Ainda está no coral? Saiu. Queriam fazer um coral solo, ele não queria.

Bem, então, meus queridos, vocês que são jovens, primeiro, não percam nunca de vista o conhecimento da história, para saberem os passos que vocês têm que dar daqui para a frente. Aqui, milhares e milhares de trabalhadores,



desta e de outras categorias, pessoas que um dia acreditaram que estava nascendo alguma coisa nova no mundo, neste país, porque não existe similaridade, do ponto de vista da organização partidária e mesmo da organização sindical.

Eu duvido que em algum momento da história sindical a base participou tanto quanto aqui, duvido. Não conheço momento histórico em que o pessoal participava tanto e vinha discutir. E aqui se discute economia, eu acho que qualquer assunto que se colocar, até filosofia o pessoal discute, as pessoas se preparam. Você tem diretor de sindicato, hoje, preparado para discutir reestruturação produtiva muito mais do que muitos professores de universidades importantes deste país, porque as pessoas perceberam que para enfrentar a possibilidade de investimento que os empresários têm na formação dos seus quadros, nós temos que formar os nossos. Nós temos que nos preparar. Hoje, ninguém faz um bom acordo porque o presidente do Sindicato é um coitadinho, porque o presidente do Sindicato é humilde, porque o presidente do Sindicato não sabe falar. Hoje não, se não souber falar, dança. Hoje não, tem que estar preparado, tem que ter argumento, tem que ter números, tem que estar à altura do enfrentamento, e tem que ter por detrás um exército dizendo: “olha, se brincar o bicho pega e se correr o bicho come”. Aí, as pessoas negociam com mais facilidade conosco.

Eu conheço poucos lugares no mundo em que os trabalhadores têm organização como na Mercedes Benz, como na Ford, como na Volkswagen, como na Scania. Não vou ficar citando todas as empresas aqui, sempre que a gente cita são as maiores. Mas tem poucos lugares, é só andar pelo Brasil para saber qual tem. E essa peãozada é metida. Você vai na Comissão da Mercedes, o pessoal é metido a discutir, até falar em alemão eles querem falar. Eu me lembro do dia em que eu fui com o Barbosa para a Alemanha. O Barbosa era da Volkswagen, já era engenheiro, e é negro. Quando eu cheguei lá e falei: este é o meu intérprete, o pessoal... (risos). Puro preconceito! Esta



categoria, sim.

Então, meus filhos, vocês que são jovens, vocês são filhos da história mais importante que a classe operária construiu no século passado. E a vocês, com toda a formação escolar que vocês têm, está reservada a obrigação, o direito de não apenas manterem, mas aperfeiçoarem esta história, porque daqui a dez anos, possivelmente, o mundo do trabalho seja outro, daqui a 30 anos será outro, e vocês têm responsabilidade por isso, de fazer com que a gente não perca nunca.

Então, quero, do fundo do meu coração, agradecer a esta galega que teve “paciência de Jó” com este seu marido. Eu sempre digo que ela é bem casada, mas eu acho que quem é bem casado sou eu, porque tive sorte. É que de vez em quando eu vejo as pessoas filosofarem, dizendo que “porque o marido ficou desempregado, a mulher largou, porque não sei o que lá, a mulher largou.” A Marisa passou maus bocados comigo e nunca me largou. Tinha dia que a gente ficava procurando moeda nos cofres da molecada para comprar cigarro. O que era o vício, que eu não aconselho ninguém a ter, o que era o vício. Mas, de qualquer forma, eu acho que isso valeu para a construção da nossa vida, da nossa estrutura política, da nossa estrutura enquanto ser humano, enquanto homem e mulher.

Eu queria dizer, meus companheiros, que a minha alegria é imensa em encontrar companheiros como o Zé do Mato, que me prometeu um ganso e até hoje não deu; de encontrar o Possidônio, que ia na minha casa depois das 7 da noite e falava: “eu não bebo muito, Lula, me dá um dedinho só”; eu dava cachaça com cambuci para ele, “me dá um dedinho”, mas de dedinho em dedinho, ele tomava umas trinta mãos de cachaça, assim. E depois, lá em casa, eu ficava preocupado porque ele era o único motorista que não sabia sequer trocar um pneu do carro. Então, ficávamos eu e Marisa preocupados: “como é que o Possidônio vai embora sozinho, porque ele não sabe nem trocar o pneu do carro, não sabe nem usar a chave de mão?” São figuras, a dra.



Nébia, esta companheira que está aqui há tantos e tantos anos.

Eu fico pensando, a Maria, a nossa eterna enfermeira aqui do Sindicato; eu fico imaginando a nossa querida Zélia, a mulher que limpava aqui; fingia que limpava porque conversava o dia inteiro, e ainda continua fingindo.

Então, eu quero, do fundo do coração, meus companheiros, dizer para vocês que eu sou um homem de muitos amigos. Durante a minha vida inteira eu construí uma relação de amizade que eu tento fazer sólida, eu nunca perdi a amizade de um companheiro porque ele divergiu de mim, porque não concordou comigo, porque está em outro partido ou porque torce para outro time. Nunca. Eu levo bronca de alguém durante 30 segundos, depois eu conto até dez, eu acho que a vida é tão boa que não vale a pena a gente ficar com raiva dos outros porque a gente vai ficando com azia, vai tendo má digestão, vai tendo problema. Então, é melhor, é muito mais fácil a gente ser bom, é muito mais fácil ser alegre, é muito mais fácil fazer o bem.

Eu quero terminar prestando uma homenagem a um companheiro, que eu também não sei se está aqui, meu querido companheiro Osvaldo Cavinato. Se estiver, levante a mão, pelo menos para eu saber que está aqui. Osvaldinho era meu assessor econômico. Na época que o Frei Chico foi preso, o Osvaldinho desapareceu. Vieram aqui dois cidadãos, com uma perua rural, e disseram para o Osvaldo: “olha, assaltaram a tua casa, teu pai está com problemas.” Ele correu para casa. Na verdade, não ocorreu nada. Colocaram ele no Dops, meteram um capuz, levaram para o Dops, ele apanhou 75 dias, foi solto, e está bonitão agora, continua nos assessorando. Apanhou mais do que o Frei Chico naquele período em que eles ficaram presos. É um companheiro do mais alto valor, companheiro meu, amigo de primeira hora. Aliás, eu e Marisa somos padrinhos de casamento dele. Se não estiver aqui, Osvaldo, valeu a intenção de eu te prestar esta homenagem, porque ela é verdadeira. E tem outros companheiros. Eu também não vou ficar citando muito mais gente aqui, não.



Eu queria apenas dizer para vocês o seguinte: eu estou há dois anos na Presidência da República. Eu me lembro como foram meus dois primeiros anos aqui neste Sindicato. Primeiro, eu tive um sacrifício enorme para aprender a falar. Tinha uma oposição, está lembrado? Vladimir, Mariana, era uma oposição fervorosa, companheiros que vinham a todas as assembleias com o Estatuto do Sindicato na mão e por qualquer coisinha: “companheiro, a letra a, do artigo b”. Era difícil. E eu tinha muita preocupação. Quando tinha companheiros mais experientes aqui, tudo bem, mas quando eu estava sozinho, tinha que fazer um sacrifício para aprender a falar, para responder.

Então, eu sou grato, grato porque este Sindicato me deu tudo o que eu sou hoje, e eu devo a Presidência que eu tenho, obviamente, ao povo brasileiro, mas se não fosse o berço natural, eu não teria chegado lá.

E esses dois anos que eu estou na Presidência já me ensinaram muitas coisas, muitas. E coisas que eu descobri que são mais complicadas do que ser presidente do Sindicato. Quando eu era presidente do Sindicato eu falava para uma categoria, contra um determinado adversário. Hoje, tem 500, 600, um milhão de categorias, com os interesses mais díspares possíveis, e você tem que trabalhar os interesses de todos. Às vezes, uns querem que o dólar baixe, outros querem que o dólar aumente, outros querem que o dólar fique como está. Então, tem um jogo de interesses que, se você não tiver jogo de cintura e paciência, você não governa. É só pegar a história do Brasil para vocês verem quantos presidentes chegaram ao final do mandato, porque é preciso não tomar nenhuma decisão sob pressão. Aqui tem gente com experiência. Não há nada que não possa esperar a cabeça refrescar para tomar a decisão, porque se você tomar decisões de forma precipitada, pode cometer erros que você pode demorar para recuperar.

Eu digo sempre que uma das razões, e eu acho que nunca conversei com a Marta sobre isso, mas uma das razões pela qual a Marta perdeu as eleições foi ter governado para os pobres de São Paulo. Foi uma das razões. O



tempo vai se encarregar de provar, mas isso não é agora, não.

E estou convencido do que nós temos que fazer no Brasil. Nós temos clareza do que tem que acontecer, no tempo que tem que acontecer. Às vezes, as coisas não vão com a rapidez que a gente deseja, porque você não tem todos os instrumentos que gostaria de ter, você precisa fazer articulação política. Mas eu estou convencido de que, ao terminar o mandato, nós vamos poder vir aqui neste Sindicato e, de forma muito orgulhosa, fazer uma comparação com qualquer outro presidente: o que foi investido para a parte mais pobre da população, o que foi gerado de emprego neste país, o que foi feito da reforma agrária, da agricultura, o que foi feito de financiamento.

Vocês, trabalhadores, sabem o que é agiotagem dentro de uma fábrica: quando a gente precisa de 30 “pilas” emprestados e vai pedir para um companheiro, ele pede logo o dobro em 15 dias. Vocês sabem que o juro consignado é uma coisa importante para todos nós, porque colocou crédito neste país, como nunca se teve. E tem muito mais coisas para acontecer, muito mais empregos. Zinho devia estar feliz aqui, porque fazia muitos e muitos anos que a indústria automobilística não tinha o recorde de produção que teve no ano passado, a geração de empregos no Brasil e a geração de empregos que teve no ABC. No ABC, parece que foram 11 mil novas vagas criadas. Então, é um momento auspicioso que nós temos que consolidar. Essas coisas não estão consolidadas. E é por isso que eu digo sempre: nós não podemos achar que está tudo bem, não vamos agora fazer a farra do boi, não. Tem eleição no ano que vem, nós não podemos permitir que a eleição determine o nosso comportamento. Nós temos que fazer o que tem que ser feito. Nós temos que fazer as coisas com muita consciência, com muita maturidade, porque nós vamos fazer as mudanças que precisam ser feitas, com a habilidade com que sempre fizemos as coisas, e no tempo certo que temos que fazer.

Eu briguei muito tempo para chegar lá, não vou dar um tropeção agora e



quebrar a canela, não. Vou ficar em pé, maduro, sabendo o que tem que fazer. E depois, no final, como eu não vou sair daqui mesmo, porque eu moro a 600 metros daqui, se o bar da Tia estiver funcionando, eu estarei presente algumas vezes aqui, para a gente ter uma espécie de prestação de contas eternas. Como nós fazíamos na porta de fábrica, como nós fazíamos no Partido, vamos fazer no governo.

Por último, eu quero agradecer ao meu companheiro Bolinha, ex-presidente dos Metalúrgicos de Sorocaba, companheiro metalúrgico da Brastemp, de quem eu tomei conta muito tempo, trabalhou comigo na Villares quando era bem molequinho, eu já mais velho. Bolinha, é uma alegria te ver aqui.

No mais, companheiros, se eu esqueci de citar o nome de alguém que está de fora, que eu não vi, eu peço desculpas.

Eu só quero agradecer, Marinho, a você, ao Feijóo, à Diretoria do Sindicato, que eu nem conheço toda porque é nova, quero dizer para vocês o seguinte: esta noite, valeu a pena ter aceito, um dia, o convite para ser presidente deste Sindicato.

Eu digo sempre que eu sou filho de uma mulher, de uma mãe e de um pai analfabetos. A coisa que meu pai mais desejava era saber ler. Ele comprava o Tribuna de Santos e atravessava de barco de Vicente de Carvalho para Santos com o jornal, fingindo que sabia ler, e ele não sabia diferenciar um “o” de um “t”, não sabia. Minha mãe morreu analfabeta.

Mas eu recebi um legado, muito mais da minha mãe, que é o que norteia o meu dia-a-dia, que norteia a minha relação com os seres humanos: “Nunca deixe de olhar nos olhos das pessoas. Nunca abaixe a cabeça para quem quer que seja, porque o dia em que você abaixar a cabeça uma vez, você nunca mais consegue levantar”. E esse legado é o que norteia a minha vida.

Meus queridos companheiros, que Deus abençoe cada um de vocês, que dê força a vocês para continuarem sendo o que vocês foram até agora,



para que Deus ajude que a gente consiga fazer aquilo que nós nos propusemos fazer. E, mesmo quando vocês estiverem em momentos de depressão, que não estiverem acreditando no presidente da República, no presidente do Sindicato, pelo amor de Deus, vocês podem desacreditar de tudo, só não desacreditem de Deus e de vocês mesmos, porque aí vocês serão um fracasso, e nós não nascemos para fracassar.

Muito obrigado e até outro dia, se Deus quiser.